

Como e por que um americano se apaixonou pela língua portuguesa

MARK A. LOKENSGARD*

Sempre chega aquele momento, quando eu conheço alguém pela primeira vez, que é necessário revelar a profissão. Nos Estados Unidos, onde eu moro e de onde sou, a reação, a maioria das vezes, é de estranheza. “Professor de português?”, me perguntam, como se nunca tivessem imaginado que tal coisa pudesse existir. Vejo, nos olhos da pessoa, que está percorrendo um mapa do mundo na cabeça para identificar uma região ou país onde se fala essa língua. Muitas vezes a busca termina em Portugal, e depois querem saber se existe muito interesse em aprender uma língua que só se fala num país tão pequeno.

Já pensei em carregar folhetos comigo, folhetos que eu mesmo criei para tentar estimular os alunos da minha universidade a aprender a língua de Camões comigo. Pelo menos me pouparia o trabalho de descobrir, geralmente sem sucesso, como posso entregar com gentileza a evidência de uma ignorância à pessoa. Uma vez foi uma velhinha simpática, que parecia não só chocada, mas um pouco indignada, como se a tivessem traído em cobrir um país tão grande com uma manta enganosa.

Na verdade, começou assim para mim também. Aprendi espanhol no colégio; entre alemão, francês e espanhol, me parecia fazer mais sentido aprender uma língua da vizinhança, de um povo que passou pelo processo de sair de um mundo velho, deixando coisas e costumes e família para trás, pela vontade ou contra ela, e tentar criar uma nova sociedade. Enfim – a novidade me interessou.

Cheguei a viajar para o Equador e o Paraguai por dois meses cada um, trabalhando como voluntário em projetos de saúde pública. Queria fazer alguma coisa útil enquanto aprendia e usava a língua, e não só ser turista.

Foi assim, no Paraguai, que vi a língua portuguesa escrita pela primeira vez. Quem tem mania de ler o que estiver perto, nem que seja etiqueta de roupa ou texto de caixa de cereal, não poderia ficar sem reparar na presença de português no Paraguai, mesmo longe de Assunção e da então Ciudad Stroessner.

O primeiro texto brasileiro que vi foi numa caixa de detergente Omo. Fiquei fascinado. Como seria essa língua falada? Sobretudo, me provocava a presença do til sobre as vogais. O que era



* **MARK A. LOKENSGARD** é Professor Assistente de Português, St. Mary 's University of San Antonio, Texas.

aquilo? Como seria um “eñe” quando não tinha consoante? Tentava imaginar, sem sucesso. E outra coisa – será que eu entenderia alguma coisa de português falado? Parecia familiar, mas também cheio de mistérios como esse. Anos depois eu vi o meu fascínio pelo til com vogal descrito por Mário de Andrade, quando elogiou a língua materna por possuir o “admirabilíssimo ‘ão’”.

Como descobri no final de dois meses, numa viagem para a Foz do Iguaçu, eu não entenderia nada de português falado. Só os números eu entendi, escritos no papel. Mas ninguém estranhava o meu espanhol, e todos respondiam com naturalidade e de boa vontade numa língua frustrantemente inacessível para mim.

Foi assim que começou a sensação de alguém ter me traído. Como é que ninguém me falou dessa língua antes? Por que todos no meu país deixaram passar o fato de que um país do tamanho de um continente falava uma língua diferente do resto das Américas? Eu me achava uma pessoa de boa formação, mesmo com dezoito anos. Era como se tivesse cometido uma gafe terrível, por falta da informação que alguém deveria ter me fornecido antes.

Na saída do Brasil, mais um fato atiçou a minha curiosidade: da janela do ônibus, na estrada para a Ponte da Amizade, vi um homem sair de uma casa modesta e ir até o quintal pequeno. Lá ele virou o

copo que tinha na mão e começou a batê-lo, para tirar os restos de chá de erva mate que bebera. Eu tomara mate no Paraguai durante dois meses pensando que era costume só do Paraguai. Que gente era essa, que falava uma língua diferente mas tinha pelo menos essa prática em comum?

Dois meses depois, no primeiro semestre da faculdade, veio a sedução definitiva. No primeiro dia de aula de português, a professora leu um texto em voz alta para a turma. Aí eu ouvi os leves “tchis” nos finais dos advérbios, os suaves “djis” nas palavras “dia” e “diálogo”, e o admirabilíssimo “ão”, som que não dominava, mas que não me deixava em paz com a vontade de poder falá-lo direito. Jurei comigo que aprenderia português, custasse o que custasse. Mas acabou me custando apenas a compreensão de gente que era ignorante como eu também fora, um preço pequeno para pagar por um amor verdadeiro.

Hoje, nas viagens mais ou menos anuais que faço ao Brasil, às vezes conheço pessoas novas para mim. Às vezes ficam receosas quando sabem a minha profissão, e começam a se policiar para não falar “errado”. Mas depois a curiosidade vence o medo e perguntam, surpresas, “O povo americano se interessa em aprender português?” E eu respondo, usando, como aprendi na primeira semana de aula, o mesmo verbo da pergunta: “Interessa”.